

**MUNDARÉU**  
**UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**Temporada 2 - Programa 1**  
**Antropologia do vuco-vuco**

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

**ABERTURA**

A música do bloco de abertura é “Mudernage”, da Ellen Oléria, o trecho apresentado tem a seguinte letra:

Tá pelo mundo essa mudernage  
Esse balanço roto pra fazer você suar  
Tá pelo mundo essa mudernage  
Esse balanço roto... roto

[A música diminui, fica o instrumental baixinho como plano de fundo ao longo das primeiras falas].

**Soraya:** Oi gente! Eu sou a Soraya Fleischer e neste mês de novembro de 2020 retomamos com a Segunda Temporada do Mundaréu. Vamos continuar nesse formato que deu bastante certo na Primeira Temporada, que é fazer a interlocutora e sua antropóloga dialogarem.

**Daniela:** Eu sou a Daniela Manica. O Mundaréu volta com seus episódios mensais e produzidos nessa adorável parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR/Unicamp) e o Departamento de Antropologia (DAN/UnB).

[Fim da música]

**Soraya:** Bom, 2020 tem sido um ano muito doido, e muito doído também, em tantos sentidos, né Dani? E vamos começar este episódio chamando atenção para uma das realidades tristes que temos acompanhado este ano.

**Daniela:** Anna Carolina de Souza Neves, João Vitor Moreira dos Santos, João Luiz Antônio de Souza Ferreira da Silva, Pedro Matos Pinto, Kauã Vitor da Silva, Thiago Santiago da Silva e Estevão Freitas de Souza, João Vitor da Rocha, Rodrigo Cerqueira, Maria Alice de Freitas, Ítalo Augusto, Rayane Lopes e Miguel Otávio.

**Soraya:** Eles tinham 8 anos. 14 anos. 11 anos. 17, 18, 19 anos. Eles tinham só 4 anos, 7, 10, 11 anos. Eram crianças e jovens brasileiros, majoritariamente negros, que morreram assassinados durante essa pandemia.

**Daniela:** Neste episódio, vamos conhecer o trabalho que a antropóloga da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Catarina Morawska Vianna, tem realizado junto com a Elisângela Maranhão, a Anjinha, do Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças. A “Comunidade”, como elas costumam chamar, é uma ONG de Peixinhos, um bairro da cidade de Olinda, em Pernambuco.

**Soraya:** Vamos falar de temas como luto endêmico, pesquisa comunitária, maternidade, movimento social. A gente vai conhecer como é que um grupo de mães - lá dessa comunidade Peixinhos têm lidado com a morte de seus filhos - crianças e adolescentes que moravam ali no bairro. E também vamos entender como a Antropologia dialoga com tudo isso. Como a Cata e a Anjinha, elas sempre costumam dizer, elas fazem uma Antropologia do vuco-vuco.

A música de transição para o Bloco 1 é “Eu tenho pressa”, da banda Devotos:

Eu tenho pressa de vencer (Eu tenho pressa)

Eu tenho pressa de vingar (Eu tenho pressa)

Vencer para me suceder (Eu tenho pressa)

Vingar pra me realizar (Eu tenho pressa)

Eu tenho pressa de vencer (Eu tenho pressa)

Eu tenho pressa de vingar (Eu tenho pressa)

Vencer para me suceder (Eu tenho pressa)

Vingar pra me realizar (Eu tenho pressa)

[A música diminui de forma gradativa quando a Soraya começa a falar].

## BLOCO 1 – Pesquisa comunitária para enfrentar o genocídio da juventude periférica

**Soraya:** Eu li grande parte do livro Mães da saudade, é... muito, muito bacana, e tem uma expressão ali, que vocês usam, que eu queria que vocês apresentassem pro público, que que significa, vocês falam “Peixinhos sofrem de luto endêmico”. Então eu queria que vocês comessem dessa expressão, explicando o que é luto endêmico, o que que Peixinhos vive nesse sentido, e depois encaminhando pra nos explicar porque que vocês desenharam a pesquisa e desse jeito, comunitário.

**Anjinha:** Então, assim... falar do início assim, é... esse projeto, assim... quando a gente fala de pesquisa com comunidade pra comunidade, dentro do projeto Mães da saudade, a gente queria... a gente tem esses dois focos, né: os jovens e as mães né? e- a gente... sempre na indagação sobre esse luto endêmico, né, “o que vamos fazer sobre a violência aqui em Peixinhos?” Já que nós tínhamos mais de trezentos jovens, né... desde dois mil e doze mortos

assassinados dentro do nosso bairro. E sempre isso é um cotidiano, é uma coisa cotidiana dentro do nosso bairro de Peixinhos. O projeto, ele... a gente consolidou esse grupo né porque é de comunidade pra comunidade, a gente conseguiu consolidar esse grupo, Mães da saudade, foi um desafio muito grande porque a gente juntou mães que passaram pela mesma dor, pelos mesmos traumas, mas a gente conseguiu construir uma relação onde elas estivessem juntas, se fortalecendo, mesmo todas com esse trauma de perder um filho assassinado, que é uma coisa absurdamente terrível, assim... estrangulador pra vida dessas mulheres.

**Catarina:** Essa ideia de uma pesquisa comunitária, lembra Anjinha, uma vez a gente tava... uma das discussões, né, que a gente teve foi a pergunta “Afinal, isso vai ser uma pesquisa colaborativa, ou uma pesquisa...” porque o tempo todo vocês falavam disso, né, “É comunitária, é comunitária”.

**Anjinha:** A gente fez a pesquisa em dois mil e quatorze, e foi uma pesquisa que a gente sempre tá pensando como a gente vai trazer a nossa comunidade pra aprofundar a raiz da violência, né, e o projeto Mães da saudade nos permite a gente fazer isso. E a pesquisa de dois mil e quatorze foi muito importante porque a gente entrevistou quase duzentas... não foi, Catarina!? Duzentas mães, mães que tinham o filho preso e mães que tiveram filhos assassinados na comunidade, e aí... o resultado da pesquisa né, é... trouxe esse esfacelamento mesmo, a negação dos direitos, né.

**Catarina:** Então, assim... tem isso que eu acho que é o diálogo, o nosso diálogo é um pouco... eu jogo, ali na conversa, certas noções ou debates que vêm de um outro lugar, certo!? Bom, então tem um monte de discussão sobre pesquisa colaborativa, “isso é ou não uma pesquisa colaborativa”, né, e aí essa... e aí essa reflexão conjunta, né, de “não... isso é... uma pesquisa comunitária porque é feita pela comunidade, para a comunidade”, e aí, como isso, a própria discussão sobre isso foi até moldando o que que o projeto seria.

**Anjinha:** Quando as mães são inseridas no projeto a gente faz uma ouvida sobre a história do filho, a gente pede pra elas falarem “fale dos... do seu filho”, é... principalmente as lembranças positivas [ênfase], porque essas lembranças positivas vão trazer a essência da vida, né, não... é... sempre elas... a gente faz essa coleta, sempre elas...elas chegam no homicídio, fala do homicídio, chora muito, mas aí a gente percebeu, por isso eu quero chegar onde... o livro né, a gente percebeu que nessas histórias elas falam coisas imprescindíveis sobre as emoções com aquele filho, sobre a dificuldade de ser mulher, ser mãe, ser mulher negra, de periferia, e... e conseguir criar esses filhos, mas a relação afetiva, amorosa, que esses meninos que foram assassinados têm com essas mulheres.

O instrumental da música “Caso de amor e ódio”, da banda Devotos, é reproduzido e continua ao fundo.

**Catarina:** Bom, o tempo todo as mães falando de dor, de dor, de dor... e aí... o meu, vamos dizer... o meu lado aí do diálogo é “Ó, vou trazer essa imagem que é externa”, né, sabe, que vem de outro lugar, que são o que? Os mapas da violência, produzidos pela Secretaria de Segurança

Pública, isso em Pernambuco era muito importante, por quê? Porque o governo do estado recebia prêmios, porque havia a ... todo... a taxa de criminalidade tava baixando, num certo período, bom mas como é que isso acontece? Ganha prêmio... prêmio fora, prêmio... prêmio em Nova Iorque, prêmio... então que que tava acontecendo, né!? O que aconteceu foi que o governo de Pernambuco, é... investiu muito dinheiro na área que eles chamam de...na área de inteligência, né, de produção de dados. Então o que aconteceu nos 2009, teve... teve uns dois ou três anos que teve uma queda absurda nos números e essa queda tinha a ver com um melhor gerenciamento de dados, como eles dizem né. Então espera aí, enquanto eles recebiam prêmios e diziam que a violência tava baixando o pessoal em Peixinhos dizendo... “desculpa, não tem nada baixando aqui, os homicídios continuam, a gente conhece a realidade, a gente sabe que as coisas não tão mudando”, então tem algum problema aí, né, então é isso. Isso, veja, isso é a antropologia do vucu-vuco, né, é aquela que traz elementos para eles serem debatidos ali, né, para serem debatidos conjuntamente, entende!? É isso.

**Anjinha:** A violência não é só a morte, não é só o assalto, não é só alguém matar alguém, mas ela tem por trás um histórico muito grave de exclusão, de perversão, né, de perseguição contra a... é... essa má visão desse país que a gente tem, né, que pobre tem que se foder e morrer mesmo, ser exterminado.

**Catarina:** E aí, é... e aí a ideia do “Bom, então... pera aí, então vamos fazer o seguinte, a gente tá falando de... eles tão falando de mapa da violência, então a gente vai falar... a gente vai fazer um contra mapeamento”, que também é uma outra discussão, né, bastante grande, né, vamos fazer uma outra coisa, vamos fazer um mapa do luto. Então percebe, como essas expressões, né: pesquisa comunitária, o luto endêmico; tudo isso vem a partir de um diálogo e uma discussão que, é, traz esses elementos... “olha só como se fala sobre a comunidade”, “olha só os mapas aqui que estigmatizam Peixinhos como um bairro violento”, é o tempo todo isso, né, você discute violência, violência, violência... que que acontece se você mudar os termos do debate, se você falar então em termos de luto, então fazer um mapa do luto. E fazer com que isso seja uma plataforma de dados, né, que isso se transforme numa plataforma de dados, quer dizer, porque a pergunta... lembra!? A gente até, Anjinha... a gente até fez oficinas de fazer, como é que faz, é... árvores genealógicas com os jovens, a gente ia pras casas enquanto a mãe ia falando, não sei que... a ideia é: como é que você desenha uma árvore e mostra a quantidade de pessoas que... que foram assassinadas. Porque a grande questão é: que se a segurança pública... pública, fica tentando conter os números, a duplicação, né, dos mortos, dos corpos, o que acontece é que nas casas, é... essas pessoas elas, ou esses mortos, eles aparecem mais do que em uma casa, porque ele é primo em uma, ele é neto em outra, ele é amigo em outra, não, pera aí, então você tem uma proliferação, percebe como eles vão proliferando, então, a gente o tempo todo fica discutindo como que a gente pode mostrar isso de forma... de maneira, de imagens, e como é que a gente pode até tentar aliar tecnologias pra isso, né.

A música “Caso de amor e ódio” é reproduzida novamente e fica ao fundo até a fala de Anjinha:

**Anjinha:** E... e também, Catarina, é mostrar essa proximidade das pessoas, né, que, como uma coisa tão, é... como a vida dos meninos estão tão determinadas a ... ao extermínio, né, assim, como esses números aumentam, porque, eles são tão próximos, mas eles estão marcados, né, a gente tem.. a gente costuma dizer que os meninos já nascem predestinados, né, a maioria no caso, que nasce nessas cinco áreas, nesses cinco bairros de Peixinhos, nasce praticamente com a condenação, né, nasce com os seus direitos todos negados, direitos básicos pra ter uma vida digna.

Olha assim “meu Deus, será que esse vai ser mais um. Será que ele vai morrer hoje? Será que... quando alguém vai fazer uma maldade com esse menino aqui?”, né e ceifá-lo a vida, então eu acho que o luto endêmico também tá muito relacionado a isso, né Cata!?

**Catarina:** É! E assim... não é aceitável que a gente vive num país que tem taxas de homicídio maiores do que países em guerra, entende? Assim, isso não é aceitável, Então, a segurança pública o tempo todo fica oferecendo soluções baseadas em tecnologias, estatísticas... e aí a partir dessas tecnologias você tem o quê? políticas de repressão, então, aumenta-se... aumenta a ... capacidade de fogo, da... dos policiais, aumenta-se o número de presídios, aumenta-se... e aí vai, a coisa vai, e assim, é... é, a gente precisa, é... mudar os termos do debate. É isso, a gente precisa mudar os termos do debate. E as únicas pessoas que podem nos dizer como mudar os termos do debate são as pessoas que vivem isso cotidianamente [ênfase]. E assim, é uma coisa tão... grave, né, que é... é exatamente o que a Anjinha falou, é... elas viveram e elas ficam já na expectativa, que... que talvez isso possa acontecer com outro filho, que possa acontecer com sobrinho, que possa acontecer... quer dizer, não é possível, né, é... que você, é... que quando a gente desenha ali a árvore genealógica das pessoas, tanta gente esteja... tenha sido, né, ou assassinada, ou encarcerada.

**Anjinha:** Essa questão de ser comunidade para a comunidade é porque a gente sempre quando faz... desenvolve um trabalho, sempre com as mães, com o projeto, a gente exige... é uma exigência mesmo, que as pessoas conheçam Peixinhos, porque não adianta a gente falar, as pessoas precisam conhecer, e conhecer é que vai dar essa ligação mais real sobre a vida e sobre o que a gente quer, né.

**Catarina:** Como é que a gente pode fazer com que as tecnologias se coloquem a serviço das comunidades, né? Pra resolver um problema que afeta diretamente essas áreas mais vulneráveis lá em Peixinhos, mas que no limite nos afeta como nação, né, nos afeta assim... é um problema que a gente precisa enfrentar juntos.

**Anjinha:** Respeitando todas vocês que são antropólogas, vocês são maravilhosas, desculpa tá!? Mas Catarina é... é punk, [risos].

**Soraya:** Só me explica o que é isso aí, Anjinha, de a antropóloga punk. Por que que a Catarina é uma antropóloga punk?

**Anjinha:** É, assim... tem uma história aqui, né, de... dos grupos de jovens, banda de rock, que era as bandas punk, né, e as bandas punk que trouxeram... a incidência da discussão sobre a política e juventude no bairro de Peixinhos, então é punk rock hardcore, é da base, essa... essas bandas punk traziam uma caixinha, trazia um microfone velho, trazia tudo e fazia o rock na rua, então essas bandas punk fizeram muito esses jovens... a juventude na minha época a refletir sobre a política, sobre os direitos, né, sobre essa questão da escravidão mental. Esses meninos, eles tinham um poder de... de fazer com que... as meninas refletissem dançando rock punk, por isso que é punk rock, é o hardcore, esse... essa história desses jovens na comunidade foi imprescindível. Aí tem a banda dos Devotos, que é de... do nosso amigo Canibal. Então essa... essa base das comunidades de banda de rock foi fundamental, as pessoas esquecem muito essa história, mas foi fundamental para a incidência da autonomia da juventude, né, de se mostrar quem... quem é, e lutar pelos seus direitos. É por isso que eu digo "É punk rock! É Punk", [risos].

A música "Punk Rock Hardcore Alto José do Pinho", da banda Devotos, é reproduzida com o seguinte trecho:

Punk rock, hardcore, sabe onde é que faz?

Lá no alto José do Pinho. É do caralho!

Tem Devotos, Ill Mundo que botam pra fuder

Todo sentimento obtido em seu viver

[A música diminui até cessar quando Soraya começa a falar].

**Soraya:** Eu fiquei pensando que o que sustenta o Mundaréu, o que faz a coisa ser assim... de ter conteúdo bacana é a relação da dupla né e também a nossa relação - são as duas duplas, mas que vem da relação delas né - a boa conversa, as histórias que elas têm em comum pra contar, o nível de intimidade, cumplicidade, troca, as vivências que elas já tiveram juntas, as memórias que elas acalentam também, coletivamente, é isso que faz o Mundaréu, né.

**Daniela:** É, sim. Acho que tem tudo a ver a gente falar disso, eu fico sempre pensando nisso assim, na minha pesquisa de doutorado, na pesquisa-de pessoas que não tem essa parceria né? Uma pesquisa com quem... com um grupo com a qual você não se identifica, com a qual você não tem... não consegue estabelecer esse tipo de de aliança né?! E nesse da Catarina com a Anjinha é... essa relação duradoura que ultrapassa aquele formato é... aquele formato de pesquisa não antropológica que é o de coleta de dados, né, o pesquisador "coletor" né vai lá coleta e sai, na área da saúde tem muito isso né. Mas eu acho que é uma uma coisa que vários pesquisadores podem pensar ao ouvir o Mundaréu, e vários estudantes em formação também, poxa mas se eu quiser pesquisar é uma temática é, sei lá, mais... pode ser a gente pode chamar de antropologia do Estado, né ou antropologia do *mainstream* ou etnografias do capitalismo, acho que tem várias formas de a própria antropologia da ciência mesmo né, que é isso que a gente faz, é...

**Soraya:** - antropologia do status quo né...

**Daniela:** - É *study up* né aquela expressão de estudar pra cima né, ou seja, você não vai trabalhar com as comunidades com as quais você tem uma aliança política dada. Nossa opção por ser podcast, por ter a questão de trazer vozes né... de trazer perspectivas outras, nesse formato de áudio, que é uma opção né também política que a gente faz de deixar a pessoa falar primeiro e dar o tom, isso produz uma diferença que eu acho que é importante né, importante inclusive na necessidade que nós temos de é... valorizar o sentido público da pesquisa em antropologia, valorizar a devolutiva né? das pesquisas em antropologia pras comunidades e valorizar um esforço que é a antropologia que puxa, eu acho, dentre todas as ciências, acho que a antropologia faz isso é, simetrizar as falas né das pessoas em relação às falas é... científicas e burocráticas, estatais né? Trazer, acho que esse esse episódio mostra muito essa potência da antropologia de simetrizar a fala das comunidades em relação a uma questão estatal, burocrática.

A música “Enganado”, da Devotos, inicia no final da fala, continua com a transição para o bloco 2 e cessa no primeiro parágrafo da fala da Daniela. O trecho reproduzido da música é o seguinte:

Não tenho paz  
No mundo onde estou, não posso mais viver  
O tempo se esvai  
Não sei o que fazer. O que me vai acontecer?  
O que me vai acontecer

## **BLOCO 2: A Antropologia do vuco-vuco (para fazer junto com, para compor com)**

**Daniela:** Eu acho que esse mapa... mapa genealógico do luto é uma forma de escrita, né. É... o livro Mães da saudade também é outro, esse outro livro que você também tá escrevendo agora, né, Anjinha, é... é outra forma, então eu queria que vocês falassem um pouquinho sobre essa questão da escrita. Acho que a Anjinha poderia começar. E acho que Soraya quer acrescentar alguma coisa.

**Soraya:** É, exatamente! Eu queria aproveitar essa pergunta da Dani, então, é: como é escrever junto? Como é coautoria? Isso não apareceu nos episódios anteriores do Mundaréu, né, Dani!? Então por isso que a gente acha bacana poder valorizar isso na relação de vocês.

**Anjinha:** Ela começou a fazer uma pesquisa, eu lembro, sobre a CAFOD, que foi fantástico, foi o livro que ela lançou depois.

**Catarina:** CAFOD é Agência Católica da Inglaterra e País de Gales, e em inglês é Catholic Agency For Overseas Development, C-A-F-O-D.

**Catarina:** O livro se chama Os enleios da tarrafa, é um... é um título meio esquisito, o pessoal “mas o que que tá falando?”, mas a CAFOD financiava um projeto que se chamava Projeto Tarrafa, por isso, então eu estava etnografando uma rede, né. Então, é a etnografia de um projeto de cooperação internacional entre organizações não governamentais. É isso.

**Anjinha:** E aquele livro foi bem interessante porque, além de ter coisas importantes dos educadores, que foi muito enfatizado nesse livro, né, as coisas peculiares de cada grupo, o nome das pessoas, aquilo ali foi tão bonito, digo “Poxa uma pessoa quis escrever sobre... cada pessoa, na sua ação, na sua atuação, no seu grupo, na sua comunidade. Que coisa bonita” e aí a gente foi se aproximando, se aproximando, a gente começou a escrever, como eu falei pra vocês, né... Mas o "Mães da saudade" já é outra... foi outro desdobramento em cima do que a gente vinha vivenciando, né, ao longo desses mais de vinte anos, e aí o projeto Mães da saudade também surgiu desse comprometimento nosso, né, e foi através... e ela foi a pessoa principal porque a gente escreveu junto, escrevemos juntas, né. [risos]

**Catarina:** É... e... eu acho que assim, no começo, é... eu... eu assumi um papel muito de editora, né, então no começo isso... isso de aguçar a memória tem a ver com o nosso diálogo também, né, Anjinha, essa coisa que você falou “Eu faço perguntas, né, eu tô sempre fazendo perguntas”, então tem isso de aguçar a memória no nosso diálogo, então no começo era algo que a Anjinha me mandava um texto, né, que era um texto, assim... às vezes até a gente gravava, né, então tinha isso de que eu tinha esse papel de editora, vamos dizer assim, né. Depois, eu acho que a coisa começou a mudar, né, quando... eu lembro uma vez que eu tava aí no... em São João, e eu lembro que o Erivan, ele tava fazendo palhoção, sabe, ele tava fazendo com aquela... com aquelas folhas, e... trançando assim, né, e eu fiquei assim... e eu olhava pra aquilo e pensava “isso é uma coisa...” quer dizer “parece, tão simples mas você precisa ter uma certa técnica, um certo domínio, uma familiaridade com aquilo”.

A escrita tem isso também, né, ela tem uma... um tempo, uma prática, uma familiarização, uma familiaridade, você vai se tornando cada vez mais... uma prática mais familiar, e eu acho que isso foi acontecendo, então se no começo eu era editora, depois a Anjinha passou, é, já a escrever, não é!? E aí... assim... e aí o meu lugar era diferente, era de dar dicas né “olha só... olha só como essa palavra tá se repetindo...”, né, sabe, nesse sentido de... de desenvolver mesmo essa técnica, né, e aí, eu acho que a gente tá nesse momento, né, Anjinha, que você tá mais... livre.

**Anjinha:** Eu sempre tive muita dificuldade de escrever, né, assim, a gente, ao longo do tempo... e Catarina despertou isso em mim. Eu precisava escrever sobre a minha história, um pouco sobre a minha relação com as crianças, né, como começou tudo isso, né, e a riqueza que eu... que o meu trabalho se tornou a partir dessa experiência com a comunidade, principalmente com as crianças. E aí... a gente foi... tudo que eu escrevia, ela dizia: “Mas está é muito bom, Anjinha, tá incrível...” e eu ficava com vergonha de mostrar a ela “Ai, meu Deus, será que... não é...” “Mas, menina, como foi que você conseguiu escrever isso, como é que você consegue ter essa memória?”, entendesse!? E esse aguçar da memória foi que... é... me tornou... me instigou, me inspirou a escrever mais, né.

**Catarina:** Você vê, essa discussão da coautoria é difícil, né, ela é difícil porque... no limite, essa é uma técnica, é... que é uma técnica que eu... eu tenho uma familiaridade com essa técnica... eu acho que era isso, no começo era uma coautoria, mas que pendia mais pra o trabalho mais pesado, vamos dizer assim, né, de ir lá mexer no texto, nas palavras, era meu. Agora eu acho que

a coisa tá mudando, não sei, que que você acha, Anjinha, né!? Agora a Anjinha, ela tá bastante... escrevendo muito, né, e eu, o que eu faço é comentar, agora eu faço comentários, né. Não é isso, Anjinha!?

**Anjinha:** Eu acho que você não era editora não, você era aquela pessoa... sabe como educador, ele dá a oportunidade, ele... aliás, ele, quando ele diz “Eu não educador, não sou professor, eu sou mediador, né. Eu tô mediando um processo que já tá dentro de você, que você pode melhorar, que você pode...”, entendeu!? mas não é editora não, viu!? Que editora nada, eu não concordo não.

**Catarina:** Mas, Anjinha, eu acho mais bonito mesmo, essa ideia da... do educador, e no final das contas, se eu faço como educadora, eu só posso ter aprendido da melhor educadora popular de Pernambuco, que é a Anjinha. [risos]

**Anjinha:** Mas acho que foi isso, que você é isso, entendeu!? É... esse educador que facilita esse processo de mediação pra que as pessoas... No meu caso, né, eu, né, que sempre tive muita dificuldade na escrita, de escrever sobre essas coisas que a gente vai vivendo, que é importante, né, a gente escrever, registrar, é isso.

**Catarina:** Então assim, pra uma pesquisa específica isso se faz, você vai estabelecendo essas relações, esses vínculos, a questão é... com quem que esse vínculo se mantém por décadas, né!? Aí... aí que eu acho que é o... que é a nossa... a nossa relação né, Anjinha, que eu acho que eu e a Anjinha, a gente se encontra na política e na diferença, nessas duas coisas, né. A gente é tão diferente, é... mas ao mesmo tempo a gente tem a nossa liga, que é essa liga política, né, a gente tem essa liga, é... e de alguma maneira, né... a Anjinha, ela se tornou pra mim uma espécie de fio terra, sabe!? É, então, como se tudo que... tudo que eu... que eu escrevo... eu... eu me interesso, é... em escrever sobre burocracia, sobre Estado, sobre organizações, sobre instituições... agora uma pesquisa sobre o mercado financeiro, e as pessoas “mas por que você vai estudar o mercado financeiro?”, né. É como se a Anjinha e tudo o que ela me ensinou, né, e o grupo Comunidade... é... é como se eles fossem sempre uma referência lateral minha...

**Anjinha:** É muito rico conviver com Catarina porque ela é... ela diz que é você incrível do jeito que tu é, mas ela não é incrível não, ela é real, então eu acho que ser real nesse mundo que a gente vive é... é diferente, né, é diferente, ser real é a gente constituir, construir coisas e realizar, estar ali no vuco-vuco, no visceral, né, no orgânico, no... sabe... e sentir a vida, a vida pulsar, as vidas se transformarem, a partir de sensibilidade, de mulheres, de pessoas como Cata. Eu só tenho que agradecer assim, pra mim é incrível falar sobre isso, eu tô toda arrepiada, eu tô toda arrepiada que é muito incrível falar sobre isso.

**Soraya:** Eu queria que vocês nos ajudassem a pensar o que que é uma antropologia no vuco-vuco.

**Catarina:** É isso que a Anjinha fala tão bem, né, que é sobre... sobre isso que ela... ela... isso que você falou, né Anjinha, do real, da realidade, né, é isso, é o pé no chão mesmo, né... é... é conhecer

uma realidade que é, no limite, a realidade da maior parte da população nesse país, né... Anjinha... Eu falo pra ela... pra ela “Anjinha, você é minha guru, né, você... eu aprendo com você. Cada vez que a gente se encontra é uma coisa assim... eu, é... eu me calo, né”, quem fala, enfim... quem tem algo a dizer é a Anjinha, é... e no final das contas eu fui descobrindo e isso foi me fazendo até radicalizar a minha antropologia, né. Que é eu não falo sobre o grupo Comunidade, eu não falo sobre Peixinhos, eu falo com, né, essa ideia de falar com... é, então... é... e aí nesse sentido, isso de... de radicalizar, né, a Anjinha, ela é minha parceira, ela é minha... é... é mais do que isso, sabe, da gente que... é... a gente tem ultimamente, né, falado, toda discussão na antropologia, de que nós falamos... a gente escreve sobre realidades, e as pessoas que nos ensinam sobre essas realidades são nossas interlocutoras, né, é... eu e a Anjinha, a gente tem uma interlocução, é... um diálogo, uma parceria e é quase como se os meus argumentos ali na... dentro desse mundo da antropologia, com se eles fossem se moldando, né, eles vão se fazendo a partir dessa relação e dessa parceria, mesmo quando... eu tô escrevendo sobre algo que não tem absolutamente nada a ver.

**Anjinha:** Eu... eu posso responder do meu jeito, né!? Assim, acho que a antropologia no vuco-vuco é aquela que se permite né, que tenta... que se... é porque a gente pensa assim, no vuco-vuco é aquele movimento da sociedade né, do mundo, da vida, dos bairros, das comunidade. Então acho que a antropologia do vuco-vuco, é realmente ela se inteirar desse vuco-vuco, conhecer, né, e fazer, nessa área que vocês têm uma compreensão de visita, de conhecer os lugares, de fazer com que essa teoria que vocês fazem na pesquisa... que a teoria tenha um sentido na prática, ela transforme a prática, realmente, ela seja verdade, ela seja real. Então acho que antropologia no vuco-vuco é isso, entendeu!? Não adianta a gente fazer tantas pesquisas, tanta teoria, se aquilo não vai, é... é... tocar, nem transformar nada de vida, vai ficar só pros pesquisadores!? Vai ficar... então acho que, é nessa questão de ser pesquisadora, Catarina, né, é uma pessoa que, ela faz muito isso. Não adianta a gente tá pesquisando, mas a pesquisa ela tem que nascer de umas relações, de uma verdade, de uma coisa... uma coisa concreta, que as pessoas tão vivendo, que as pessoas precisam transformar, melhorar, e... estar junta. Eu acho que a antropologia do vuco-vuco é essa. É do vaco-vaco, vuco-vuco, né, [risos], (...) vamo simhora.

A música “Enganado”, da Devotos é retomada e fica até o início da fala da Soraya.

**Soraya:** Na capa do livro e ao longo do livro, pra poder fazer a separação dos, vocês usam uma imagem de planta, que é o inhame. Então eu queria que se vocês pudessem... aproveitar pra descrever pras ouvintes, por que o inhame, que lugar o inhame tem em Pernambuco, né.

**Anjinha:** Na minha casa tinha, é... um tanquinho quebrado. Aí eu juntava areia, e lá eu botava casca de todo tipo de verdura, de... de cenoura, tudo e ia inhame, né, eu sempre cortava inhame, eu sempre cortava inhame, que a gente tira a cabecinha dele... aí de repente, ele... jogado lá... começou a crescer, crescer, mas ele ficou tão lindo, e eu comecei a refletir olhando pra aquele inhame, pra aquela cabecinha de inhame, eu digo “meu Deus do céu”, aí Catarina, a gente tava terminando de fazer a questão da ilustração do livro, não foi, Cata?

**Catarina:** Eu perguntei “Anjinha, é... que... que que você quer, né, na capa do seu livro? Um livro sobre dor, sobre luto”, aí ela só me respondeu com um “inhame!”, eu falei “como assim, um inhame?”, eu não entendi, não “sei lá, um inhame, que que tem a ver?”, aí ela me deu essa explicação incrível, né, e... e foi tão incrível que... sabe que essa imagem e essa fala da Anjinha, ela foi a... foi a inspiração pra criação desse instituto, o IMUÊ, Instituto Mulheres e Economia.

**Anjinha:** Catarina abraçou a ideia na hora, porque o inhame não precisa de semente pra plantar, então isso representava muitas Mães da saudade, que, é... é a relação de cabeça em cabeça e a gente conseguir, é... fazer com que essa... esse broto, ele surja, essa vida ressurgir, da cabeça dessas mulheres, da capacidade delas de transgredir, de transformar, a vida dela e a vida das outras.

**Catarina:** Que é isso, quer dizer, como é que você pode, é... como produzir conhecimento antropológico, tal como a gente conhece, a gente ensina as pessoas, né, os futuros antropólogos, a gente faz, né, isso faz parte do nosso trabalho, é, como produzir conhecimento antropológico que seja feito, é... no engajamento, nessa composição, é... em algo que... e que de alguma maneira vá, essa ideia do brotar, de cabeça em cabeça, né, a gente achou isso muito inspirador mesmo, então a gente acha uma imagem muito poderosa.

**Soraya:** O inhame, na minha família, a minha mãe, Anjinha, é de Minas, né, então o inhame, ele é aqui, por aqui, ele é aquele inhame menor, né, assim, e a gente sempre consumiu muito inhame, a minha mãe é muito ligada em planta e tudo, então ela sempre ensinou pra gente que o inhame é um depurativo, né, é um tubérculo que ajuda muito a tirar a impureza do sangue, desintoxicar, curar a gente e... e ajudar nos processos inflamatórios que a gente tiver no corpo, né, então o inhame, ele tinha um lugar muito medicinal, assim, na minha família.

**Daniela:** Quando eu engravidei do meu filho, é... eu tava morando em Maceió, aí eu comia muito desse inhame bom, que tem aí, que a gente não encontra aqui, e... O inhame tem uma... uma ação, é... de manutenção da gravidez, né, então o que falavam pra mim é que tem que comer muito inhame, porque o inhame tem a progesterona que é o hormônio da gravidez, inclusive ele foi usado nas primeiras pílulas anticoncepcionais que foram sendo inventadas, foram sendo testadas com esse inhame. Então só dizer que pra mim o inhame tem esse sentido da maternidade, que tá no livro, né, Mães da saudade, assim muito bonito, né.

A música “Enganado”, da Devotos, é reproduzida novamente e diminui até cessar com a fala da Soraya.

**Soraya:** A Anjinha, ela em alguns momentos ela fala pra nós que ela teve um processo de escolarização é que ela considera muito frágil, tá escrevendo um livro novo sobre isso inclusive como educadora popular, então ela mesma vai nos mostrando diferentes posições de onde que a escrita é educação é mais formal, entra, não entra, ou é reinventado, e aí quando perguntamos para ela sobre como foi escrever juntas, como foi a experiência das duas de escreverem juntas, pra minha surpresa, eu achei muito bacana isso, a primeira coisa que ela fala é “é porque a experiência de escrever pra mim é acionar a memória”, né.

**Daniela:** Esse trabalho de narrar a vida dos filhos mas ressaltando os pontos bons... Isso eu achei legal ela contar. Mas esse trabalho né conforme elas contam ali no livro, era feito numa roda de conversa e aí elas ficavam passando é com a batata doce, né, de uma pra outra, e cada pessoa que pegava ali a batata doce que é um outro tubérculo né para além do inhame sobre o qual a gente falou também, elas iam passando a batata de uma para a outra e quem recebia a batata contava sobre o seu próprio filho, né, e elas falam no livro que muitas mães e acho que a Anjinha recupera isso na entrevista hoje, na conversa, é como vem o choro, né, a emoção do luto, da perda, volta, né, e acho que isso é muito, é muito amplo esse exercício porque ele é ao mesmo tempo meio psicanalítico meio terapêutico meio político meio é... tudo isso junto, antropológico né que é ouvir, contar, falar de novo sobre o próprio filho, sobre a perda do filho, sobre a dor, mas ao mesmo tempo sobre o quanto ele era lindo, e bom e amoroso, e presente e as condições que foram transformando essa criança numa vida matável né... Mas pra mim isso é fundamental, eu acho que fundamental numa ação antropológica feminista, né, que é recuperar a importância dos afetos e das emoções pra produzir transformações.

**Soraya:** Outra coisa é como a Anjinha revê o termo incrível, a Catarina usa a palavra incrível muitas vezes, é a forma dela adjetivar o que a surpreende, os pensamentos que a pegam de surpresa, que têm que fazer ela pensar né acho que é a categoria de estranhamento, espanto e enamoramento, que ela tem assim pelo campo. E a Anjinha brinca com essa categoria do "incrível", trazendo para o chão de novo. "Não, a Catarina ela não é incrível, ela é real". E eu achei muito bacana isso, e daí vem toda aquela discussão da antropologia do vuco-vuco. Achei massa, e eu não quero ficar explicando o que é que elas falaram porque eu acho que elas explicaram super bem, eu só queria pontuar, acho que quando a gente pontua no miolo ou então no fechamento a gente também tá tipo passando uma caneta de marca texto, né, tipo "presta atenção nisso, isso é muito importante, né".

A música, "Muderange", de Ellen Oléria é reproduzida novamente e fica ao fundo até o final do episódio.

**Soraya:** Que bonito tudo isso! O Mundaréu tem ajudado muito a perceber tantas formas de fazer Antropologia, de fazer pesquisa e de escrever. Achei muito bacana um episódio em que falamos tanto - de tantas formas de escrever junto.

**Daniela:** E de encontrar uma forma de dialogar e de escrever que faça sentido pros dois lados, para a antropologia e para as interlocutores. A Catarina e a Anjinha estão as duas fazendo ciência, uma forma de contra-ciência, ou guerrilha científica, se vocês quiserem, mas estão fazendo isso com o pé no chão, fazendo uma Antropologia do vuco-vuco.

**Soraya:** Então massa, simhora, como diz a Anjinha, simhora nessa Segunda Temporada! A gente agradece toda a equipe do Mundaréu, as nossas estudantes daqui de Brasília, também as estudantes lá de Campinas. A gente agradece aos nossos financiadores, a UnB, a Unicamp.

**Daniela:** E a gente quer agradecer também as nossas convidadas deste episódio. E quem quiser saber mais sobre elas, e também sobre as músicas do Devotos, é só conferir a nossa página: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>

**Soraya:** Inclusive, o Canibal, que é o vocalista dessa banda, né, o Devotos, que é lá do Recife, ele lançou um livro chamado “Música para o povo que não ouve”. Lá no nosso site tem o link certinho da editora, o valor do livro, como é que compra, para vocês conhecerem.

**Daniela:** E a gente quer agradecer também a Ellen Oléria que nos cedeu essa música maravilhosa, Mudernage, que vai embalar o Mundaréu nessa segunda temporada.

**Soraya:** Então é isso, gente. Até mês que vem, até dezembro, pessoal!

**Daniela:** Tchau!